



Iwar Fonseca Mattos

Brasília, estabilidade na vida e no casamento

Arquivo pessoal



IWAR, COM AMIGOS, EM FRENTE AO PALÁCIO DA ALVORADA, RECÉM-CONSTRUÍDO

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o empresário Iwar Fonseca Mattos veio para Brasília, em janeiro de 1960, tinha duas opções: terminava os seus trabalhos na capital federal e voltava a Belo Horizonte ou transferia de vez a mulher e as quatro filhas para Brasília. Depois de um ano de muito trabalho e dedicação, a resolução de ficar aqui estava tomada. Passados 44 anos, nenhuma ponta de arrependimento. “Ainda acho Brasília a melhor cidade do Brasil para se morar. Essa cidade representa muito para mim, pois ela me adotou e eu a recebi muito bem. Não teria nenhuma condição de eu morar fora daqui”, atesta, enfático, o pioneiro.

Iwar Mattos veio para Brasília, cidade onde o pai já morava desde 1959, pouco antes da inauguração da capital federal para cumprir determinações da empresa para a qual trabalhava em Belo Horizonte, a SIT — responsável por instalações elétricas e hidráulicas de obras. Em 1960, Iwar chegou aqui com prazo de validade: concluía seu trabalho nos prédios do **Correio Braziliense**, TV Brasília e do colégio Dom Bosco e, missão cumprida, voltava à sede da empresa, em Minas Gerais. Como de costume, a primeira impressão assustava. “O aeroporto era um descampado inacreditável. A gente sabia que era

aeroporto só porque via uns aviões pousados ali. Já a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) era um faroeste louco. Só que com jipes no lugar dos cavalos”, descreve um bem-humorado Iwar. Nesse tempo, o pioneiro não tinha um teto certo para dormir e, muitas vezes, ficava no canteiro de obras mesmo.

Praga

“Brasília era sinônimo de trabalho e determinação. Não nos importávamos de ficar dias sem voltar para casa”, lembra Iwar. Em uma dessas noites em que passou na obra, Iwar viu que a vala onde eram depositados os restos de comida dos trabalhadores acabava se tornando um verdadeiro paraíso para os ratos. “Essa é até hoje a grande

praga de Brasília. Naquela época, os ratos eram enormes como eu nunca tinha visto antes”, afirma Iwar. Uma vez, para se livrar de uma ratazana, alguns trabalhadores resolveram atear fogo no bicho, que saiu correndo e quase causou acidentes. “Não sei como não pegou fogo em nenhum lugar, pois éramos uma empresa de instalações elétricas e o material era quase todo inflamável”, conta o pioneiro.

Aliás, encontrar tal material não era das tarefas mais fáceis. As peças mais comuns podiam ser compradas na Cidade Livre mesmo, mas as mais específicas, só mandando trazer de outras capitais, como Belo Horizonte ou Rio de Janeiro. “A gente tentava se programar, mas às vezes não dava. Até pa-

ra abastecer a caminhonete, tínhamos que ir à Cidade Livre”, lembra Iwar, que várias vezes ficou atolado com seu carro em plena W3 Sul.

O tempo foi passando, as três primeiras tarefas foram cumpridas, mas nada de Iwar deixar a cidade. A empresa acabou se firmando na cidade, conseguindo outras obras para instalar os circuitos, e o pioneiro acabou escolhendo ficar por aqui. Dessa forma, em 1961, ele foi a Belo Horizonte e trouxe a esposa com quem acaba de completar bodas de ouro, Nina, e as quatro filhas mais velhas. “Brasília acabou me conquistando. Não sei bem o que foi. Às vezes, penso que foi o céu ou o clima de trabalho e esperança que havia na cidade. Além disso, era um local

ótimo para se criar os filhos”, afirma Iwar, ainda como ar de apaixonado pela cidade estampado no rosto.

Moradia

Com a família aqui, não dava mais para ficar dormindo nas obras, e Iwar acabou conseguindo uma casa da Fundação da Casa Popular, localizada onde hoje está a 711 Sul. “A vinda para Brasília representou a estabilidade da minha vida e do meu casamento, porque em Minas eu tinha uma empresa de transportes e ficava muito tempo na estrada. Por isso, minha esposa apoiou minha decisão e a mudança de cidade com quatro crianças pequenas em todos os momentos”, conta Iwar, que teve seus dois últimos filhos nascidos em Brasília. Aliás, o caçula, Iwar Junior — o único homem entre cinco mulheres —, foi o primeiro bebê a nascer no hospital que havia na W3 Sul. “Minha esposa foi a primeira paciente daquele hospital. Era uma correria danada e os quartos ainda nem tinham campanha para chamarmos a enfermeira se fosse preciso”, lembra, aos risos.

Dez anos depois de a família instalada aqui — no início da década de 70 —, Iwar mudou-se para uma casa no Lago Sul, localizada logo atrás do Gilberto Salomão. “O bairro estava apenas começando. Na minha rua só tinha a minha casa, mas

O pioneiro chegou a Brasília para completar um trabalho e voltar para Belo Horizonte. Concluiu tudo que tinha para fazer, mas decidiu que era na nova capital que queria morar

Arquivo pessoal



IWAR E NINA COM A FAMÍLIA NA FESTA DE BODAS DE OURO

não tínhamos problema com violência naquela época”, afirma o empresário.

O problema mesmo era com os bichos, principalmente formigas e ratos, dos quais Nina morria de medo. Isso sem falar na distância entre o Lago e o Plano Piloto. “A profissão de minha esposa era ser motorista dos meninos de tanto que ela os levava de um lado para o outro”, lembra. Mas o sossego do bairro valia a pena e falava mais alto. A não ser, é claro, que fosse dia de boate ou festa no Gilberto Salomão. “O som ia praticamente

dentro das casas. Não sei o que acontecia. Só sei que fizemos um abaixo-assinado e protestamos até conseguir que o som fosse desligado às dez da noite ou que o estabelecimento isolasse melhor o som que saía das casas noturnas”, diz Iwar. O pioneiro ressalta que naquela época o Gilberto Salomão era mais voltado para diversões e não tinha a quantidade de lojas e bancos de hoje. “Meus filhos, quando jovens, não saíam de lá. Era um ponto de encontro da juventude brasiliense”, lembra.

Entre tantos acontecimentos presenciados por Iwar nesses 44 anos de Brasília, aquele dia 21 de abril de 1960 não sai da memória do pioneiro. “Foi uma festa linda. Veio gente de todos os estados brasileiros para po-

der ver a nova capital brasileira”, recorda. Empregados da empresa em que ele trabalhava vieram conhecer a cidade e participar da festa. Para acomodar tanta gente nos alojamentos dos canteiros de obra, quem deu as ordens foi a improvisação. “Desde as camas até as cobertas para nos protegermos do frio da noite brasiliense, tudo era na base da criatividade mesmo”, lembra. Foi, inclusive, improvisando um transporte coletivo que o pioneiro teve uma participação importante nos festejos da inauguração. “Um coral vindo de Belo Horizonte tinha se esquecido de providenciar transporte para levar o grupo à Praça dos Três Poderes. Não sei como conseguimos botar tanta gente dentro de uma caminhonete só,

mas o fato é que dei carona para todos eles”, orgulha-se Iwar, lembrando que somente na cabine iam quatro cantores.

Além disso, ele destaca a amizade das pessoas que vieram para cá na mesma época como uma característica tipicamente candanga. “Era fácil fazer amizade em Brasília. Mas o impressionante mesmo era a facilidade de mantê-las e estreitá-las por aqui. Não era só aquela coisa de bom-dia, boa-noite. As pessoas eram amigas. Íamos ao cinema e conhecíamos todo mundo. Hoje você vai para uma festa com mil pessoas e não conhece ninguém”, compara Iwar, que faz questão de manter viva essa chama e sempre que pode encontra companheiros daquela época.

“O AEROPORTO ERA UM DESCAMPADO INACREDITÁVEL. A GENTE SABIA QUE ERA AEROPORTO SÓ PORQUE VIA UNS AVIÕES POUSADOS ALI. JÁ A CIDADE LIVRE ERA UM FAROESTE LOUCO. SÓ QUE COM JIPES NO LUGAR DOS CAVALOS”

Raio X

Nome: Iwar Fonseca Mattos
Idade: 75 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Empresário
Estado civil: Casado
Esposa: Nina
Filhos: Ana Lúcia, Elizabeth, Margaret, Regina, Márcia e Iwar Junior
Netos: Márcio, Rafael, Júlia, Gabriela, Alessandra, Luis Felipe, Catarina, Maurício, Marina e Iwar Neto